



A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: conhecendo a proposta pedagógica da LBV.

Monica Renata Dantas Mendonça¹, Simone Silveira dos Santos²

Resumo: Desde o nascimento, o ser humano é envolvido pela afetividade. Nesse sentido, tanto Wallon quanto Vygotsky e Piaget consolidam o entendimento sobre os aspectos socioafetivos para a cognição. Pode-se afirmar que ela tem papel fundamental na relação professor-aluno e no processo de ensinoaprendizagem. E que os aspectos afetivos e cognitivos são indissociáveis. O professor, sendo o elo que possibilita a formação integral do aluno, tem o dever de refletir e questionar constantemente sua prática pedagógica e até que ponto está construindo esta relação afetiva com os alunos. Por meio da cooperação, criar possibilidades para uma relação de amizade, respeito, confiança, sinceridade, e outras formas de interagir com o educando. Assim, a escola passará a contribuir efetivamente para a formação integral do aluno. Diante disso, este artigo analisa a importância dos aspectos socioafetivos para o desenvolvimento e o processo ensinoaprendizagem, bem como uma experiência prática vivenciada na Legião da Boa Vontade – LBV – através da Pedagogia da Boa Vontade.

Palavras-chave: Afetividade; Cognição; Relação professor-aluno.

Abstract: From birth the human being is surrounded by affection. Thus, both Vygotsky and Piaget and Wallon consolidate our understanding of the social-affective aspects to cognition. It can be stated that it has a fundamental role in teacher-student relationship and the process of teaching and learning. And that the affective and cognitive aspects are inseparable. The teacher is the link that allows the formation of the student, has a duty to reflect and constantly question their teaching and to what extent is this emotional relationship building with students. Through the cooperation possibilities to create a relationship of friendship, respect, trust, sincerity, and other ways to interact with students. Thus, the school will contribute effectively to the education of the student. Thus, this article examines the importance of social-affective aspects for



developing and teaching-learning process as well as a practical lived in the Legion of Good Will - LGW - through the pedagogy of Good Will.

Key-words: Affection, Cognition, teacher-student.

INTRODUÇÃO

[...] Como professor [...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre “seriedade docente” e “afetividade”. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. (FREIRE, 1996, p. 159)

A afetividade acompanha o ser humano durante toda sua vida e desempenha um papel fundamental no seu desenvolvimento e em suas relações sociais. Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar a importância do papel da afetividade na relação professor-aluno e sua contribuição no processo de ensinoaprendizagem.

Acreditamos que “não dá para ensinar pensando apenas na cabeça do aluno, pois o coração também é importante” (MELLO, 2004, p. 18), comprometendo-se com o desenvolvimento integral do aluno.

Parafraseando o autor Mello (2004), a escola, além de ser um ambiente em que a criança prosseguirá sua vida, é também um local onde dará continuidade no seu desenvolvimento em sua complexidade, ou seja, nos aspectos cognitivo, psicomotor e socioafetivo. A criança que possui uma boa relação afetiva é segura tem interesse para adquirir novos conhecimentos e, portanto, tem um bom rendimento escolar.

O professor, por sua vez, assume um papel de grande destaque para a aprendizagem da criança, pois ele é o mediador no processo da aprendizagem e não o detentor de conhecimentos. Por meio da afetividade, o professor influencia no resultado da educação de seus alunos. A maneira como o professor se comporta em sala de aula, através de seus sentimentos, intenções, desejos e valores, afeta seus alunos, uma simples maneira de falar já faz toda diferença. Sendo assim, o respeito, a amizade, a compreensão devem estar envolvidas neste processo.



Este trabalho tem o objetivo de descrever a proposta pedagógica, baseada na afetividade, desenvolvida pela Legião da Boa Vontade – LBV em Paranaíba/MS e sua importância no processo de ensino/aprendizagem. A referida entidade está situada na Avenida Getúlio Vargas, 1145, no bairro Santa Lúcia, na cidade de Paranaíba/MS.

Discute-se muito sobre a influência da afetividade na educação, pois sabe-se de sua importância no processo de aprendizagem. Um ambiente de ensino que oportuniza uma relação dialética entre cognição e afeto faz todo um diferencial na vida de seus educandos. Buscamos assim, por meio deste artigo, contribuir para a reflexão sobre a importância que a afetividade exerce na educação.

WALLON: AFETIVIDADE E COGNIÇÃO

Wallon (1989) atribui imensa importância à emoção e à afetividade, criando conceitos a partir do ato motor, da afetividade e da inteligência. As interações são um processo natural para o desenvolvimento e para a manifestação das emoções. Contudo, Wallon (1979 apud GALVÃO, 2003, p.61) diferencia emoção de afetividade:

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito meio abrangente no qual se inserem várias manifestações.

Para Wallon (1979 apud GALVÃO, 2003), o movimento é a base do pensamento e as emoções que dão origem à afetividade, sendo ela fundamental na constituição do sujeito. O autor dá o exemplo de um bebê que ainda não desenvolveu a linguagem e que utiliza seu corpo por meio de contorções, espasmos e outras manifestações emocionais, para mobilizar os adultos a sua volta através do afeto. De acordo com Galvão (2003, p.74), “pela capacidade de modelar o próprio corpo, a emoção permite a organização de um primeiro modo de consciência dos estados mentais e de uma primeira percepção das realidades externas.”

No caso dos adultos, Wallon (1979 apud GALVÃO, 2003) dá importância à subjetividade dos estados afetivos vividos por quem experimenta uma determinada emoção. Ou seja, na teoria walloniana, a vida emocional é uma condição para a existência das relações interpessoais e, para este teórico, as emoções fazem parte da vida intelectual, não separando o aspecto cognitivo do afetivo.



Paralelamente ao impacto que as conquistas feitas ao plano cognitivo têm sobre a vida afetiva, a dinâmica emocional terá sempre um impacto sobre a vida intelectual. [...] É graças à coesão social provocada pela emoção que a criança tem acesso à linguagem, instrumento fundamental da atividade intelectual. (GALVÃO, 2003, p.76)

Um conceito de sua teoria que tem influência na prática pedagógica é que a emoção estabelece uma relação imediata dos indivíduos entre si, independente de toda relação intelectual.

A propagação “epidérmica” das emoções, ao provocar um estado de comunhão e de uníssono, dilui as fronteiras entre os indivíduos, podendo levar a esforços e intenções em torno de um objetivo comum. Permitiria, assim, relações de solidariedade quando a cooperação não fosse possível por deficiência dos meios intelectuais ou por falta de consenso conceitual, contribuindo portanto, para a constituição de um grupo e para as realizações coletivas. (WALLON, 1989, p.162)

Considerando este caráter unificador das emoções, no âmbito da prática pedagógica, torna-se fundamental o fortalecimento da afetividade na relação professor/aluno para que a aprendizagem se torne eficaz, favorecendo, assim, a autoestima, o diálogo e a socialização. Vale ressaltar que a afetividade também é importante no processo de avaliação, afastando eventuais riscos de antipatia entre professor e aluno.

Ao apontar a base orgânica da afetividade, a teoria walloniana resgata o orgânico na formação do indivíduo, ao mesmo tempo em que diz que o meio social vai gradativamente transformando esta afetividade orgânica, moldando-a e tornando suas manifestações cada vez mais sociais. “O mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta.” (MERLEAU-PONTY, 1999 apud FERREIRA; ACIOLY-RÉGNER, 2010, p.4)

Wallon (2008) destaca a ligação indissolúvel entre o desenvolvimento psíquico e o biológico da pessoa, afirmando que não existe preponderância de um sobre o outro, mas sim, ação recíproca.

Assim como a afetividade, a cognição é um princípio fundamental na formação do indivíduo. Em relação à inteligência, Wallon (2008, p.117) destaca:

O que permite à inteligência esta transferência do plano motor para o plano especulativo não pode evidencialmente ser explicado, no desenvolvimento do indivíduo, pelo simples fato de suas experiências motoras combinarem-se



entre si para melhor adaptar-se exigências múltiplas e instáveis do real. O que está em jogo são as aptidões da espécie, particularmente as que fazem do homem um ser essencialmente social.

Para Wallon (2007), a personalidade é constituída por duas funções básicas: afetividade e inteligência. A afetividade é orientada para o mundo social, ou seja, para a construção do indivíduo. A inteligência, por outro lado, é orientada para o mundo físico, para a construção do objeto. Dessa forma, compreendemos que a afetividade assume um papel fundamental no desenvolvimento humano, pois determina os interesses e as necessidades individuais da pessoa. É um domínio funcional, anterior à inteligência.

Segundo o autor, a cognição, assim como a afetividade, surgem do orgânico e vão adquirindo complexidade e diferenciação na interação com o social.

Na teoria walloniana, o domínio funcional cognitivo oferece uma gama de funções que permite “[...] identificar e definir [...] significações, classificá-las, dissociá-las, reuni-las, confrontar suas relações lógicas e experimentais, tentar reconstruir por meio delas qual pode ser a estrutura das coisas.” (WALLON, 2007, p. 117)

Sua teoria era contrária à compreensão do humano de forma fragmentada.

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 2007, p. 198)

Wallon (2007) situa a concepção de pessoa como um conjunto eficiente que resulta da união de suas dimensões, cujo processo de desenvolvimento acontece por meio da integração do orgânico com o meio social.

O desenvolvimento da pessoa como um ser completo não ocorre de forma linear e contínua, mas apresenta movimentos que implicam integração, conflitos e alternâncias na predominância dos conjuntos funcionais. No que diz respeito à afetividade e cognição, esses conjuntos revezam-se, em termos de prevalência, ao longo dos estágios de desenvolvimento. Nos estágios impulsivo-emocional, personalismo, puberdade e adolescência, nos quais predomina o movimento para si mesmo (força centrípeta) há uma maior prevalência do conjunto funcional afetivo, enquanto no sensorio-motor e projetivo e categorial, nos quais o movimento se dá para fora, para o conhecimento do outro (força centrífuga), o predomínio é do conjunto funcional cognitivo. (2008, apud FERREIRA; ACIÓLY-RÉGNIER, 2010, p. 4)



Eminentemente o conjunto funcional afetivo influencia o meio social e afeta o cognitivo Wallon (2008 apud FERREIRA; ACIÓLY-RÉGNIER, 2010, p. 4) afirma que:

[...] a coesão de reações, atitudes e sentimentos, que as emoções são capazes de realizar em um grupo, explica o papel que elas devem ter desempenhado nos primeiros tempos das sociedades humanas: ainda hoje são as emoções que criam um público, que animam uma multidão, por uma espécie de consentimento geral que escapa ao controle de cada um. Elas suscitam arrebatamentos coletivos capazes de escandalizar, por vezes a razão individual.

Partindo desse pressuposto, as situações de dor, perdas, sofrimentos, mortes lutos e violência vivida pelos alunos são constantemente experienciadas em sala de aula e influenciam diretamente em sua aprendizagem. Quando o educador volta o seu olhar de forma a compreender o aluno como um ser contextualizado, inserido em um meio social, que na maioria das vezes, nem sempre favorece uma formação moral saudável, uma base familiar ou a vivência de bons valores, a realção de ensino/aprendizagem acontece de forma mais humana.

A afetividade influi e facilita na aprendizagem, pois nos momentos informais, o educando aproxima-se do educador, trocando experiências, expressando seu ponto de vista e fazendo questionamentos, sendo tais atitudes significantes para a construção do conhecimento. Dessa forma, o professor deve sempre estar aberto ao diálogo e a atitudes que favoreçam o aprendizado de seus alunos, mantendo com eles um bom relacionamento.

A AFETIVIDADE SEGUNDO VYGOTSKY

Para Vygotsky, só se pode compreender por completo o pensamento humano quando se compreende a base afetiva. Assim como na teoria walloniana, acredita que pensamento e afeto são indissociáveis.

Quem separa o pensamento do afeto nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo. [...] A vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral. (VYGOTSKY, 2000 apud ARANTES, 2003, p.18)



Vygotsky (2000, p.146) escreve que:

O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade. O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto a descoberta do cálculo diferencial.

Tanto Vygotsky quanto Wallon afirmam que não se pode separar afetividade e cognição. Vygotsky evidencia o pensamento com sua gênese na motivação, a qual inclui tendência, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção.

A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento. A preocupação do professor não deve se limitar ao fato de que seus alunos pensem profundamente e assimilem a geografia, mas também que a sintam. [...] as reações emocionais devem constituir o fundamento do processo educativo. (VYGOTSKY, 2003, p.121)

A afetividade está sempre presente nas experiências empíricas vividas pelos seres humanos. Quando entra na escola, torna-se ainda mais evidente seu papel na relação professor-aluno.

As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordam melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente. (VYGOTSKY, 2003, p.121)

Um professor que é afetivo com seus alunos, favorece que se estabeleça uma relação de segurança e evita bloqueios afetivos e cognitivos, auxiliando no trabalho socializado e ajuda o aluno a superar erros e a aprender com eles.

PIAGET E A AFETIVIDADE

Para Piaget (1998 apud SALTINI, 1999), o desenvolvimento afetivo está ligado intrinsecamente e ocorre paralelo ao desenvolvimento moral: a criança vai superando a fase do egocentrismo, se apercebe da importância das interações com as outras pessoas e desenvolve a percepção do eu e do outro como referência.



Os sentimentos e as operações intelectuais não constituem duas realidades separadas e sim dois aspectos complementares de toda a realidade psíquica, pois o pensamento é sempre acompanhado de uma tonalidade e significado afetivo, portanto, a afetividade e a cognição são indissociáveis na sua origem e evolução, constituindo os dois aspectos complementares de qualquer conduta humana, já que em toda atividade há um aspecto afetivo e um aspecto cognitivo ou inteligente. (PIAGET, 1983, p. 234)

Desde o nascimento, o desenvolvimento intelectual é obra da sociedade e do indivíduo. Contudo, segundo Piaget, afirmar que o homem é ser social, não significa optar por uma teoria que explique como o “social” interfere no desenvolvimento e nas capacidades da inteligência humana.

O equacionamento que o autor dá para esta questão passa por dois momentos. O primeiro: entender o que é ser social. O segundo: fatores sociais explicam o desenvolvimento intelectual (como?).

O homem normal não é social da mesma maneira aos seis meses ou aos vinte anos de idade, e, por conseguinte, sua individualidade não pode ser da mesma qualidade nesses dois diferentes níveis. (PIAGET, 1998 apud LA TAILLE, 1992, p. 12)

Apesar de Piaget considerar que o conhecimento é construído pela criança em sua interação com o meio, acreditava que todas as crianças se desenvolvem através de estágios – formas de apreensão da realidade – até atingirem o pensamento formal, em que são capazes de pensar sobre o pensar.

Para o autor, o equilíbrio faz parte do desenvolvimento cognitivo. O critério seguido por ele é a qualidade de troca intelectual entre os indivíduos e, conseqüentemente, o ótimo grau de socialização só acontece quando esta troca atinge o equilíbrio. Em síntese:

No total, o equilíbrio de uma troca de pensamentos supõe 1) um sistema comum de signos e de definições 2) uma conservação de proposições válidas obrigando aquele que as reconhece como tal 3) uma reciprocidade de pensamento entre os interlocutores. (PIAGET 1998 apud LA TAILLE, 1992, p. 14)

Para que o equilíbrio ocorra, são necessários interlocutores que possam cumprir esta regra numa relação social e isso só acontece quando os sujeitos se encontram no mesmo nível de desenvolvimento.



A começar pelo estágio sensório-motor. Para Piaget a partir da aquisição da linguagem, inicia-se a socialização efetiva da inteligência. Porém, na fase pré-operatória algumas características ainda limitam a socialização equilibrada.

Em primeiro lugar, falta “a capacidade de aderir a uma escala comum de referência, condição necessária ao verdadeiro diálogo.” (LA TAILLE, 1992, p. 15) Um exemplo clássico são os jogos de regras, cada criança tende a seguir as suas.

Em segundo lugar, vem a contradição. “Tudo se passa como se faltasse uma regulação essencial ao raciocínio: aquela que obriga o indivíduo a levar em conta o que admitiu ou disse, e a conservar esse valor nas construções ulteriores.” (PIAGET, 1998 apud LA TAILLE, 1992, p. 15)

E, por último, a criança pequena tem dificuldade em se colocar no ponto de vista do outro, o que impede a reciprocidade.

Essas três características Piaget chamou de “pensamento egocêntrico”. Como o próprio nome diz, “centrado no eu”. Nesta fase, por exemplo, as crianças são influenciáveis pelas ideias dos adultos, repetem comportamentos, acreditando ser seus. Por isso, as interações sociais são precárias, pois a criança ainda é heterônoma.

A partir do estágio operatório as interações sociais conseguiram se efetuar com maior equilíbrio. Paralelamente a esta, a criança alcançará o que Piaget define de “personalidade”

A personalidade não é o “eu” enquanto diferente dos outros “eus” e refratário à socialização, mas é o indivíduo se submetendo voluntariamente às normas de reciprocidade e de universalidade. Como tal, longe de estar à margem da sociedade, a personalidade constitui o produto mais refinado da socialização. Com efeito, é na medida em que o “eu” renuncia a si mesmo para inserir seu ponto de vista próprio entre os outros e se curvar assim às regras da reciprocidade que o indivíduo torna-se personalidade. (...) Em oposição ao egocentrismo inicial, o qual consiste em tomar o ponto de vista próprio como absoluto, por falta de poder perceber seu caráter particular, a personalidade consiste em tomar consciência desta relatividade da perspectiva individual e a colocá-la em relação com o conjunto das outras perspectivas possíveis: a personalidade é, pois, uma coordenação da individualidade com o universal. (PIAGET, 1998 apud LA TAILLE, 1992, p. 16-17)

Para Piaget, essa busca pelo “equilíbrio” tem bases biológicas, pois é próprio do ser vivo procurar o equilíbrio que lhe permita adaptação. Nesse processo de desenvolvimento, é fundamental a ação do sujeito sobre o objeto, “já que é sobre os últimos que se vão construir conhecimentos e que, é através de uma tomada de



consciência, da organização das primeiras que novas estruturas mentais vão sendo construídas.” (LA TAILLE, 1992, p. 18)

Piaget também faz distinção entre dois tipos de relações sociais: a *coação* e a *cooperação*.

A coação social, segundo o autor, é “toda relação entre dois ou n indivíduos na qual intervém um elemento de autoridade ou de prestígio.” (PIAGET, 1998 apud LA TAILLE, 1992, p. 18) Para isso, Piaget nos fornece o exemplo de um professor que é imagem de prestígio para seus alunos, não por suas ideias bem argumentadas e discutidas e, sim, pelo poder ou confiança que o cargo lhe confere

Sendo assim, o que se pode notar é que o indivíduo coagido tem pouca participação na elaboração, discussão e divulgação de idéias, limitando-se apenas a repetir o que lhe impuseram.

Já a relação de cooperação é o oposto. “Há discussão, troca de pontos de vista, controle mútuo dos argumentos e das provas.” Ou seja, acontece um ótimo grau de socialização.

No ambiente escolar, a coação e a cooperação estão presentes no processo de ensino/aprendizagem. Contudo, é fundamental que o educador, como mediador do conhecimento, exercite a cooperação, favorecendo que os educandos se desenvolvam de forma crítica e participativa.

Neste sentido, a afetividade, portanto, influencia na aprendizagem e na construção de novos conhecimentos, pois, na medida em que os alunos são valorizados e seu contexto social levado em consideração, o educador consegue obter retorno. Desta forma, a aprendizagem passa a exercer uma função mais eficaz na vida de ambos.

PEDAGOGIA DA BOA VONTADE: Pedagogia do Afeto e Pedagogia do Cidadão Ecumênico – uma experiência vivenciada na Legião da Boa Vontade – LBV.

A Legião da Boa Vontade (LBV) é uma instituição filantrópica fundada em 1º de janeiro de 1950, por Alziro Zarur. Em Paranaíba/MS, suas atividades se iniciaram em 1961. Lá é desenvolvido o programa *LBV – Criança: Futuro no Presente!*.

Constitui-se num serviço de convivência, formação para a Cidadania Ecumênica e para a participação, desenvolvimento do protagonismo e da autonomia das crianças, a partir de interesses, demandas e potencialidades dessa faixa etária, fortalecendo a convivência familiar e comunitária, visando a garantia de direitos sociais. As intervenções são pautadas em experiências



lúdicas, culturais e artísticas como formas de expressão, interação, aprendizagem, sociabilidade e proteção social. As atividades contribuem para prevenir o isolamento e situações de violação de direitos e para ressignificar vivências prejudiciais ao desenvolvimento integral, bem como propiciar experiências favorecedoras de sociabilidades e na prevenção de situações de vulnerabilidade social. (MANUAL DA LBV, 2011, p.06)

Este programa é destinado a crianças de 06 a 12 anos. A concessão da vaga é realizada pela assistente social, que se utiliza dos seguintes critérios: renda per capita, idade, número de membros da família e quais trabalham, situação de moradia e vulnerabilidade social.

A entidade traz como *slogan* “Aqui se estuda. Formam-se cérebro e coração”. (PAIVA NETTO, 2010, p. 14) A proposta pedagógica formulada pela LBV preocupa-se em atender às exigências curriculares, no que se refere às escolas e, humanizar, pois o seu diferencial é justamente trabalhar a Espiritualidade Ecumênica, formando um cidadão crítico, consciente de seu papel na sociedade e que se preocupe com o amanhã e com o próximo.

Proposta Pedagógica

José de Paiva Netto, criador desta proposta pedagógica, denominou-a com duas nomenclaturas, direcionadas a faixas etárias distintas, que compõem a Pedagogia da Boa Vontade. A importância de utilizar duas terminologias “justifica-se pelo conduzir da construção do conhecimento intelectual aliado aos valores e sentimentos, mediante as necessidades, anseios e possibilidades peculiares, com cuidados específicos dedicados a cada faixa etária.” (PAIVA NETTO, 2009 apud MANUAL DA LBV, 2011, p. 11)

Parafrazeando os teóricos Wallon, Piaget e Vygotsky, a interação social está presente na vida do ser humano desde sua gênese. Sem isso, a civilização não existiria, logo, pensar uma educação que valorize as interações sociais é priorizar a anseios do coletivo. E é o que nitidamente a LBV estabelece como objetivo ao compor sua pedagogia.

A Pedagogia do Afeto é destinada a crianças com até 10 anos de idade. Suas atividades são voltadas a trabalhar os sentimentos aliados à inteligência, pois Paiva Netto considera que o afeto não deve ser restrito apenas ao seio familiar, mas também ao ambiente escolar.



(...) A estabilidade do mundo começa no coração da criança. Por isso, na LBV aplicamos há tantos anos, a Pedagogia do Afeto e a Pedagogia do Cidadão Ecumênico. E mais: (...) O afeto que inspira a nossa pedagogia, tomado em seu sentido supino, é, além de um sentimento de alma elevada, uma estratégia política, igualmente compreendida na sua índole mas exalçada, em consonância com a Justiça Social, como uma estratégia de sobrevivência para o indivíduo, povos e nações. Os seres humanos – portanto, os cidadãos, entre eles os esperançosos jovens – são muito mais do que um saco de carne, ossos, músculos, nervos, sangue. Amam e sofrem. Sonham, desejam, constroem, frustram-se e, apesar de tudo, prosseguem, vão em frente... Merecem, além de leis, respeito para que elas jamais constituam obscuros privilégios, e possam ser cumpridas em benefício de todos (...). (PERIOTTO, 2009, p.22)

Já a Pedagogia do Cidadão Ecumênico é aplicada na educação de adolescentes, jovens, adultos e idosos, abrangendo a educação básica, a EJA (Educação de Jovens e Adultos) e os programas socioeducacionais desenvolvidos pela LBV.

Fundamenta-se nos valores nascidos do Amor Fraternal, preparando o indivíduo para viver a Cidadania Ecumênica, firmada no exercício pleno da Solidariedade Planetária, tendo como ícone o preceito imortal do Cristo Ecumênico, o Seu Novo Mandamento: “Amai-vos como Eu vos amei. Somente assim podereis ser reconhecidos como meus discípulos” (Evangelho de Jesus segundo João, 13:34 e 35). (PERIOTTO, 2009, p.23)

Vygotsky (1998 apud OLIVEIRA, 1992) defende que o pensamento "tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção.

Ao incluir a afetividade no trabalho pedagógico, a LBV preocupa-se em contribuir para a formação de indivíduos com condições para lidar com seus sentimentos o que contribuirá para um mundo menos agressivo.

O que podemos notar é que a pedagogia desenvolvida pela LBV traz muito das ideias defendidas pelos autores Wallon, Piaget e Vygotsky em relação à importância da afetividade na aprendizagem e na vida do indivíduo. Além do mais, podemos destacar que, as interações sociais são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, e, quando ela se dá de forma saudável, levando em consideração a empatia necessária, o afeto assume um papel ímpar, tornando-se o diferencial na educação. Destaque este dado pela LBV em seus projetos, levando sempre em consideração as histórias de vida das crianças atendidas, suas necessidades e, principalmente, cultivando, entre elas, o pensamento crítico/reflexivo.



No município de Paranaíba/MS, a LBV é um Centro Comunitário Assistencial, cuja parceria com o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), funciona como uma jornada ampliada. As crianças frequentam no horário inverso ao escolar.

Os objetivos dessa proposta pedagógica são atingidos através das oficinas desenvolvidas no programa socioeducacional *LBV – Criança: Futuro no Presente!*. São elas: Oficina de Cultura Ecumênica; Oficina de Arte e Cultura; Oficina do Saber; Momento do Brincar; Oficina de Inclusão Digital; Oficina de Musicalização e Oficina Coral Infantil.

As oficinas desenvolvidas pela LBV buscam de forma articulada, desenvolver as habilidades cognitivas, artísticas e culturais, aliadas à afetividade.

A LBV adota a metodologia de projetos pois

(...) prioriza o diálogo, a pesquisa, a troca de saberes, a expressão de dúvidas, a resolução de conflitos, a intuição, a percepção das diferenças, como elementos-chaves no processo de apropriação e na expansão de conceitos, atitudes, valores e competências pessoais e sociais. (MANUAL LBV, 2011, P.13)

Seus projetos são planejados através de um método próprio da pedagogia da LBV, conhecido por MAPREI (Método de Aprendizagem por Pesquisa Racional, Emocional e Intuitiva). Ele é constituído por 6 etapas: inicia-se pela identificação do conteúdo, em que educador apresenta o projeto a ser trabalhado. A segunda etapa corresponde à busca individual pelo conhecimento, é uma investigação do conhecimento empírico que a criança possui. Já a terceira etapa é a socialização do conhecimento, as crianças vão compartilhar suas experiências acerca de determinado assunto e o educador vai mediando e aprofundando o conhecimento. Na quarta etapa acontece a conclusão, ou seja, as crianças vão produzir e pesquisar, realizar atividade. À quinta etapa corresponde à apresentação de resultado, é o momento de expor tudo que foi produzido. Por fim, a sexta etapa que é a conclusão individual, a avaliação do que a criança internalizou e o feedback para o educador.

Paiva Netto escreve que o conhecimento deve seguir o seguinte trajeto: “a busca pelo conhecimento deve partir do indivíduo, necessita ser compartilhada com o grupo, mas, necessariamente, volta para o indivíduo, que a internaliza.” (2009 apud PERIOTTO, 2009, p.24) Sendo assim, o MAPREI visa contemplar este ciclo.



Vale ressaltar que os temas dos projetos são delimitados a partir dos interesses e das necessidades das crianças. Com este método MAPREI possibilita que a criança participe ativamente da construção do conhecimento. Periotto (2009) escreve:

O educando é visto, sim, como protagonista do processo de aprendizagem. Essa participação o motiva a permanecer no ambiente escolar e, mais que isso, reforça sua autoestima na continuidade dos estudos – fator que incentiva o seu ingresso na universidade e, para isso, conta com caminhos indicados e apoiados pela equipe multidisciplinar da instituição. Também é inserida nesse método a integração da família à vida escolar. (PERIOTTO, 2009, p.24)

Sendo assim, destacamos que a pedagogia do afeto tem muito a contribuir para a educação, pois quando tratamos os nossos alunos com sensibilidade, nos permitindo usar da empatia, compreendendo o mundo que os cerca, história de vida, as dores que trazem de casa, além de oferecermos a instrução, atuando como mediadores do conhecimento, estamos também oportunizando que o aluno participe na sua construção. Quando permitimos estabelecer uma relação social de cooperação, a dinâmica da sala de aula se torna um dever coletivo em que todos querem atuar. Acredito que desta forma, ao final de um ano letivo, a sensação de “dever cumprido” torna-se mais palpável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar na construção de uma comunidade escolar mais justa e solidária é refletir sobre os valores e afetos que fazem a diferença na dinâmica da escola.

Neste contexto, pensar a educação a partir das teorias walloniana, vygotskyana e piagetiana pressupõe uma ruptura nas finalidades formativas dos sistemas educativos atuais. Gadotti (2000, p.10) escreve que uma educação assim, visa ao “desenvolvimento integral da pessoa: inteligência, sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa. Para isso, não se deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo.”

Retoma-se que, para Wallon (1975), a afetividade assume um papel fundamental na constituição e no funcionamento da inteligência, pois, são os motivos, necessidades, desejos que direcionam o interesse da criança para o conhecimento e conquista do mundo ao seu redor.



Vygotsky também acredita que a motivação é a mola propulsora da busca pelo conhecimento. A partir do momento que o educador estabelece uma relação social de cooperação, teoria defendida por Piaget, o processo de ensino/aprendizagem rompe a dicotomia entre cognição e afetividade, desmistificando a visão de relação maternal que se atribui aos aspectos afetivos, pois é possível aliar a disciplina, a metodologia, à emoção.

A conscientização do educador é fundamental, pois é ele o mediador, quem planeja as aulas e organiza os ambientes. Quando toma consciência de sua importância na formação do aluno, a promoção de espaços democráticos para a construção coletiva do conhecimento torna-se um processo natural e necessário.

As escolas, por sua vez, devem também se preocupar com a formação deste profissional que, hoje, tem um perfil de mediador, buscando atuar junto a ele, incluindo em sua visão educacional, a afetividade, que é tão necessária para o bom desempenho dos alunos.

Ao analisarmos a proposta pedagógica desenvolvida pela LBV, podemos concluir que é possível, sim, aliar cognição e afetividade, pois a partir do momento que o educador, mediador do conhecimento, se preocupa com o educando e estabelece uma empatia, existirá reciprocidade. Consequentemente, a formação integral deste cidadão será o diferencial.

Por isso, é imprescindível que o educador e toda a equipe escolar, incluindo os profissionais que trabalham em creches, na educação não formal, estejam em constante capacitação, refletindo sua prática.

Segundo Freire, não existe educação sem amor. “Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais” (FREIRE, 1983: 29).

Em suma, hoje, pensamos que educar significa também preocupar-se com a construção e organização da afetividade das pessoas. Afinal a escola, para cumprir seu papel, deve ser um lugar de vida e sobretudo de sucesso e realização pessoal para alunos e educadores.

REFERÊNCIAS

ARANTES, V. A. *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Atlas, 2003.



DANTAS, Heloísa. *A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon*. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. *Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação*. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

FREIRE, PAULO. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Comunicação vol. 1.

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais em educação*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GALVÃO, I. *Henry Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Vozes, 2003. (Coleção Educação e Conhecimento)

MANUAL DA LBV. Departamento de Superintendência Socioeducacional. São Paulo: Elevação, 2011.

MELLO, Guiomar Namó de. *Educação e Sentimento. É preciso discutir essa relação*. *Revista Nova Escola*, Outubro/2004.

PAIVA NETTO, J. *É Urgente Reeducar!* São Paulo: Editora Elevação, 2010.

PERIOTTO, S. *Manual da Pedagogia do Afeto e Pedagogia do Cidadão Ecumênico*. São Paulo: Editora Elevação, 2009.

PIAGET, J. Problemas de Psicologia Genética. In:_____. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SALTINI, C. J. P. *Afetividade e inteligência*. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



WALLON, H. *Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada*. Petrópolis: Vozes, 2008

_____. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007

WALLON, H. *As origens do pensamento na criança*. São Paulo: Manole, 1989.

WESCHSLER, M. P. F. *Relações entre afetividade e cognição: de Moreno a Piaget*. 2^a ed. São Paulo: FAPESP Disponível em: <<http://books.google.com.br/books>>. Acessado em: 22/11/2010 às 13h16min.

¹Formada em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) em Paranaíba/MS. Atua como Psicóloga Clínica Particular e Psicóloga Institucional na Legião da Boa Vontade – LBV em Paranaíba/MS.

²Formada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) em Paranaíba/MS. Atua como Coordenadora Pedagógica na Legião da Boa Vontade – LBV em Paranaíba/MS.